

# As representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural na Comunidade Remanescente de Quilombo Lage dos Negros em Campo Formoso-Bahia

**Isabel de Jesus Santos**

Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.  
isaagronomia@gmail.com

**Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida**

Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. ataide@hotmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar as representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural na Comunidade Remanescente de Quilombo Lage dos Negros em Campo Formoso - Bahia. A metodologia adotada neste estudo se pautou na pesquisa qualitativa e utilizamos como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada e a observação com foco nas Representações Sociais dos quilombolas e as concepções dos extensionistas. Para tanto, o aporte teórico da pesquisa baseia-se nas teorias das representações sociais de Moscovici (2003). No tratamento dos dados utilizamos a Análise do Discurso e a concepção de silêncio proposta por Orlandi (2002). Percebeu-se nas falas dos quilombolas que a cultura, o ambiente e o cotidiano constituem suas representações e suas ancoragens esbarram no trabalho associativo como representação da extensão rural, suas ações a partir do processo educativo. Todavia, as representações dos assistidos sobre os extensionistas e a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola são negativas. Os próprios quilombolas são representados pelos outros em um sentido pejorativo e racista.

**Palavras-chave:** Representações sociais, Extensão Rural, Comunidades quilombolas.

## **The social representations of the Maroons on the extension of the Remnant Maroon Community Lage dos Negros in Campo Formoso, Bahia**

**Abstract:** The present work aims to analyze the social representations of the quilombolas on the rural extension at the rural community Remanescente de Quilombo Lage dos Negros in Campo Formoso - Bahia. The methodology adopted in this study was qualitative research and the data collection was realized through semi structured interview and

observation focusing the social representations of the quilombolas as well as extensionists conceptions. To that end, the research relied on theories of social representations of Moscovici (2003). In addition, to interpret the data, the study took the approach of the discourse analysis and the conception of silence proposed by Orlandi (2002). The speech of the quilombolas showed that culture, environment and everyday life are their representations, and their settlement collide on associative work as representation of rural extension. However, the representations that quilombolas have on the extensionists and the Empresa Baiana de Desenvolvimento are both negative. The quilombolas are represented one by the other in a pejorative and racist manner.

**Keywords:** Social representations, Rural Extension, Quilombola communities.

### **Representaciones sociales de los cimarrones en la extensión del Remanente Comunidad Quilombo dos Negros Lage en Campo Formoso, Bahia**

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es analizar las representaciones sociales de los “quilombolas” sobre la extensión rural en la Comunidad Remanescente do Quilombo Lage dos Negros en Campo Formoso, Bahía. La metodología utilizada en este estudio fue la investigación cualitativa y cómo instrumentos de recolección de datos utilizamos entrevistas semi-estructuradas y observación centradas en las representaciones sociales de los quilombolas y también de los extensionistas. El aporte teórico de la investigación se basa en la teoría de las representaciones sociales de Moscovici (2003). En el tratamiento de los datos se utilizó el análisis del discurso y el concepto de silencio propuesto por Orlandi (2002). Se notó en las declaraciones de los quilombolas que la cultura, el medio ambiente y la vida cotidiana son representaciones importantes y el trabajo asociativo sirve como ancla para representar la extensión y sus acciones desde el proceso educativo. Sin embargo, las representaciones sobre la extensión y la Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola Desarrollo Agrícola de Bahía son negativas, así como dos quilombolas son representados por los otros en un sentido despectivo y racista.

**Palabras-clave:** Representaciones sociales. Extensión Rural. Comunidad Quilombola.

## **1. Introdução**

O presente artigo é fruto do trabalho de dissertação de mestrado e tem como objetivo analisar as representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural na Comunidade Remanescente

de Quilombo Lage dos Negros , em Campo Formoso, Bahia. No que se refere ao Território de Lage dos Negros<sup>1</sup>, sede do Distrito, ele abrange 34 comunidades rurais, sendo 24 remanescentes de quilombos, reconhecidas pela Fundação Palmares.

O que caracteriza a construção identitária territorial é a posse das terras que está registrada em cartório, aproximadamente desde o ano de 1890, em nome de Luis Manuel dos Santos (Luizinho) e sua esposa Maria Lage, seus primeiros moradores. No que se refere à legalização das terras, Lage dos Negros é regularizada pelo Estado da Bahia como Comunidade de Fundo de Pasto. As relações sociais e a organização do trabalho estão pautadas na posse comum dos meios de produção.

Neste artigo apontaremos inicialmente os elementos que caracterizam as atividades e as dinâmicas dessa comunidade no que dizem respeito ao seu cotidiano, para posterior apresentação dos aspectos teórico-metodológicos sobre os conceitos de representações sociais. E em seguida, abordaremos as representações sociais dos quilombolas sobre extensão rural em Lage dos Negros.

## **2. A comunidade Lage dos Negros na afirmação da identidade étnica**

Sobre a origem do nome do povoado Lage dos Negros, existem duas versões. A primeira é decorrente da quantidade de lajedo e, mais tarde, refere-se à relação étnica racial, com a predominância de negros entre os povos que ali moravam no século XVIII.

A segunda versão sustenta-se na crença de que o nome de Lage dos Negros se originou do nome Maria Lages, derivado do

<sup>1</sup> Essa comunidade é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares desde 2005.

nome de Pedro Lages. Não cabe a nós adotar uma ou outra história, no entanto, é importante perceber de qual lugar e quem são os sujeitos que relatam as versões, quais são seus interesses e como isso é representado.

Lage dos Negros está situada no Município de Campo Formoso, localizado no Sertão da Bahia. Segundo o IBGE (2010), a população total do município é de 66.616 habitantes, sendo que residem no meio rural 41.753 habitantes. Desse total, 20.096 dos sujeitos do campo são mulheres, ultrapassando a população de mulheres urbanas, 13.056 habitantes. No Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) percebe-se um aumento em torno de 100% do ano de 1991, com 0.261, ao ano de 2010, com IDH de 0,586. Quanto à cor, o município de Campo Formoso tem uma população que, segundo os dados do IBGE (2010), se autodeclara parda. O meio rural tem uma população de 21.493 pessoas que se autodeclararam pardas e 2.840 que se autoconsideraram pretas.

A comunidade Lage dos Negros é constituída por um complexo de comunidades remanescentes de quilombos, denominadas pelos quilombolas de povoados<sup>2</sup>. No total, foram 24 comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares no período compreendido entre os anos de 2005-2006.

O território quilombola agrega outros territórios que ficam em torno de Lage dos Negros; no total, são 34 povoados<sup>3</sup>. Es-

---

<sup>2</sup> Salitre, Curral Velho, Passagem do Sargento, Amoca, Baixinha, Consumidouro, Bebedouro, Pacuí, Buraço, Barriguda, Tabuleiro, Poço da Pedra, Saquinho, Pedra, Patos I, Patos II, Patos III, Casa Nova dos Marinheiros, Casa Nova dos Amaros, Casa Nova dos Ferreira, Alagadiço, Bica, Queixo Dantas, Cacimbinha, Lagoa, Boge, Muringo, Sangrador I, Sangrador II, Barroca, Gameleira do Dida, Cachoeirinha e Lage de Cima.

<sup>3</sup> Esta denominação, povoado, é dada pelos quilombolas quando se referem à comunidade, nome acadêmico. Povoado significa um lugar onde a organização espacial se caracteriza pela disposição das casas, uma próxima da outra. Além disso, existem estruturas físicas e logísticas para oferta de bens e serviços públicos para as demais comunidades circunvizinhas, por exemplo: escola, posto de saúde, assistência social e outros.

ses povos sofrem com os problemas dos marcos regulatórios no que se refere à regularização fundiária: Fundo e Feixe de Pasto, Comunidades Quilombolas, Parque Nacional Boqueirão da Onça e patrimônio ambiental internacional, como é o caso das tocas; percebe-se um silêncio por parte do Estado quando o assunto é a questão agrária e surgem propostas apenas no âmbito compensatório, como é caso da Assistência Técnica e Extensão Rural, sem problematizar o acesso à terra.

A ação institucional de extensão rural nesta comunidade estava apoiada no âmbito das ações da Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia (SEAGRI), através da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) e da Secretaria de Promoção a Pró-Igualdade Racial do Estado da Bahia (SEPROMI), a partir do Plano Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural do Brasil. No âmbito da Lei sobre os Territórios Quilombolas<sup>4</sup> na esfera da chamada pública ATER<sup>5</sup> nº 003/2011 DPMRQ<sup>6</sup>/MDA<sup>7</sup> – Lote 06 do Município de Campo Formoso - Bahia, foi construída a proposta: “ATER. Rumo à sustentabilidade de Comunidades Quilombolas no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru”. Esse projeto teve como proponente a EBDA, sob número de credenciamento no SIATER: 754/09- 2010/BA (MDA, 2011).

Acreditou-se que as ações de extensão rural em Lage dos Negros fossem ancorar as discussões em torno das dinâmicas agropecuárias da comunidade, sobretudo no que se refere à pre-

---

<sup>4</sup> A primeira lei que garante esses direitos está na Constituição Federal de 1988, no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) e o Decreto Lei 4.887 de 2003 (INCRA, 2012).

<sup>5</sup> Assistência Técnica e Extensão Rural.

<sup>6</sup> Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais e Quilombolas.

<sup>7</sup> Ministério de Desenvolvimento Agrário.

servação do ambiente e às decisões sobre os meios tecnológicos de produção agrícola, sobretudo, ao meio de produção em Fundo de Pasto.

## 2.1. Dinâmicas socioambientais em Lage dos Negros

No que tange às questões socioambientais, Lage dos Negros não é diferente da realidade de outras comunidades tradicionais que lidam com vários problemas, a exemplo do desmatamento, do desaparecimento dos rios e da especulação fundiária, uma vez que o subsolo é rico em água para irrigação e, a cada dia, o agronegócio do Vale do São Francisco vai expropriando os povos tradicionais e expandindo suas áreas.

Na atualidade, Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, compõem os núcleos da Região Integrada de Desenvolvimento Petrolina/Juazeiro<sup>8</sup>, cujo setor econômico mais dinâmico é a produção e exportação para o mercado internacional de frutas, em especial de uva e manga, favorecida por condições naturais como disponibilidade de água, luminosidade e umidade (ARAÚJO, 2012, p.2)

De fato, cresce a demanda por terra nessa região de Juazeiro da Bahia e, na divisão geopolítica, encontra-se o município de Campo Formoso, que faz divisa não só espacial, mas sobretudo simbólica. Esse modelo de uso do solo cria, nos sujeitos quilombolas, a representação social da riqueza, caso ele esteja inserido

---

<sup>8</sup> De acordo com Caldas, o eixo Juazeiro-Petrolina se localiza “no submédio do rio São Francisco, na região do Nordeste do Brasil; está composto por oito municípios – quatro pertencentes ao Estado da Bahia e quatro ao de Pernambuco – Casa Nova, Curaçá, Juazeiro e Sobradinho e Lagoa Grande, Orocó, Petrolina e Santa Maria da Boa Vista”, abrigando em torno de 565.877 habitantes e tendo na fruticultura sua principal atividade econômica (CALDAS, 2006: 70).

no modelo de produção do agronegócio. E essa mudança tem afetado diretamente as dinâmicas ecológicas de Lage dos Negros, visto que o desmatamento cresce em função do modelo de produção que afeta diretamente os recursos naturais.

Pereira de Albuquerque (2010, p.56) faz uma alerta quanto ao uso da água, tendo em vista que a Agência Nacional das Águas (ANA) estabelece as normas para utilização; todavia, em alguns casos, os agricultores sequer sabem: perfuram poços, desmatam e essas ações já fazem parte do cotidiano dos agricultores capitalizados que moram no território quilombola, e muitos desses agricultores nem pertencem à comunidade.

Segundo Pereira de Albuquerque (2010, p.56):

A forma como o agricultor atua em sua terra pode causar danos ao meio ambiente, pois a água, se mal manejada, em seu processo de escoamento superficial, pode gerar desde carregamento de solo até erosões acentuadas, como voçorocas. Podemos citar também os desmatamentos desordenados que podem pôr fim às nascentes de pequenos cursos d'água.

Outra característica a se observar é que não corre mais o Rio de Lage dos Negros, que, segundo os mais velhos, era permanente, e hoje, após o desmatamento e a construção de casas no leito do rio por pessoas externas à comunidade, deixou de existir e passou a ser conhecido como “o Rio Morto”. Algumas pessoas mais velhas da comunidade afirmam que o rio deixou de existir também por causa da algaroba, *Prosopis juliflora* (Sw.), que “chupa muita água”.

No território de Lage, os nomes da maioria das comunidades estão relacionados com água, mas, com o desmatamento e com a introdução de plantas exóticas; a água vai ficando cada vez mais

escassa, restando apenas na memória dos quilombolas ao se referirem aos processos naturais da fauna do ambiente.

Em Lage dos Negros e locais circunvizinhos a presença dos recursos hídricos é acentuada, mas conflituosa. Os rios afluentes do “Velho Chico”, a citar o Rio Pacuí, já não correm mais, além das águas subterrâneas que estão cada vez mais profundas no subsolo.

Além dessas especificidades das águas, em Lage dos Negros, destacamos os espetáculos da geodiversidade, que, por sua vez, incluem a formação de caverna, bem como seus componentes abióticos e bióticos denominados de Patrimônio Espeleológico, consolidado no Ministério do Meio Ambiente a partir do Conselho Nacional de Meio Ambiente, como responsável pela preservação do patrimônio material. Trata-se do “conjunto de elementos bióticos e abióticos, socioeconômicos e histórico-culturais, subterrâneos ou superficiais, representado pelas cavidades naturais subterrâneas ou a estas associadas” (Resolução CONAMA nº 347/2004). Tal resolução constitui um dos marcos conflituosos gerenciados no âmbito legal do poder estatal sobre o uso dos recursos naturais em Lage dos Negros.

Toca da Barriguda, Toca do Calor de Cima, Toca do Pitú e Toca do Morrinho constituem um conjunto de relevância geológica mundial. Evidências morfológicas, hidroquímicas e isotópicas sugerem que a dissolução dos dolomitos que contêm as cavernas ocorreu principalmente através de oxidação de sulfetos. Assim sendo, a Toca da Boa Vista constitui-se na mais extensa caverna do mundo a ser gerada por tal processo (AULER & SMART, 1999, p.1).

De acordo com os autores, esses sítios estão preservados e, em alguns casos, encontram-se vestígios de algumas tentativas de



exploração de minérios, mas em sua maioria as cavernas estão conservadas, visto que os quilombolas não costumam atribuir o valor científico, histórico, técnico, esportivo e cênico que esses lugares têm.

## **2.2. A dinâmica da produção e da comercialização: produtos agrícolas e não agrícolas**

Na comunidade Lage dos Negros, antes da seca da década de 1960, a economia era baseada na agricultura e mantém até hoje relações comerciais com o município de Juazeiro da Bahia, onde havia trocas de mercadoria e comercialização de alguns produtos. Os quilombolas, em meados dos anos 1900, plantavam feijão, mamona, milho, mandioca, e, no período do inverno, cultivavam arroz. Sua pecuária era extensiva, seus primeiros moradores produziam tanto quanto os fazendeiros da época. Mas, com a seca de 1960, muitas coisas mudaram, entre elas a dependência financeira dos sujeitos para sobreviver. Com a chegada dos garimpos, a população do território de Lage dos Negros foi aumentando e houve necessidade de construir armazém e estruturar uma pequena feira livre aos domingos.

Após sua organização social e política, em meados de 1860, houve necessidade da organização econômica, visto que a cidade passou a fazer parte da Rota de Minérios e precisava comercializar, bem como criar um espaço de socialização dos acontecimentos dos ambientes circunvizinhos, das trocas de sementes e animais.

Após um tempo, esse espaço se concretizou, aos domingos, como ambiente simbólico das relações econômicas de troca, ven-

da da produção, distribuição de bens e serviços. Esse ambiente que concretiza as relações comerciais acontece na praça, próxima ao mercado, construído nos anos de 1920.

O dia da feira livre de Lage começa às 6h e segue até às 14h, quando há mercadoria; há feirantes de todos os produtos e de todas as localidades, inclusive das cidades de Juazeiro e Campo Formoso, com produtos industrializados.

Já as comunidades negras rurais vendem os produtos alimentícios locais, na sua maioria carnes, peixes, animais vivos, sandálias artesanais, farinha, feijões, frutas e verduras. “A feira seria uma instituição do sistema econômico pertencente à subárea de distribuição de bens e mercadorias” (MOTT, 2000, p.24).

Todas essas características anteriormente citadas dão visibilidade à dinâmica social, cultural, ambiental e econômica de Lage dos Negros, cujas representações e ancoragens se relacionam ao trabalho associativo que perpassa o cotidiano. Faz-se necessário no próximo tópico ampliar o olhar pelo viés da base teórico-metodológica, na qual utilizaremos como referência a teoria sobre as Representações Sociais.

### **3. Perspectivas teórico-metodológicas sobre Representações Sociais**

Os estudos sobre representações sociais têm sua gênese nas pesquisas da psicologia social, na década de 1960, tendo como clássico Serge Moscovici (SÁ, 2000).

Moscovici se preocupou em explicar o que não é uma representação social, baseando-se, principalmente, no conceito de representação coletiva de Durkheim no campo da sociologia,

separando o que é um fenômeno sociológico de um fenômeno psicológico. A Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003) surge da crítica feita à Durkheim dos estudos positivistas das ciências sociais, estudos esses que separam o homem do objeto, conhecimento comum e científico. Assim, Moscovici (2003) propõe um novo paradigma: aproximar os estudos da psicologia social aos da sociedade, focalizando o sujeito em seu contexto sociocultural, ou seja, é uma teoria que relaciona a subjetividade do sujeito.

De origem francesa, essa teoria chegou ao Brasil por volta dos anos 1982 (SÁ, 2000), contando com a intensa colaboração de Denise Jodelet (1998) nas suas primeiras visitas à América Latina e ao Brasil.

No Brasil, a autora proporciona a constituição de uma comunidade acadêmica entendida do assunto e suas possíveis contribuições para formação dos psicólogos sociais. Conforme a psicóloga, as representações sociais são compreendidas como algo que emerge das práticas sociais.

São fenômenos complexos sempre ativados em ação na vida social. Em sua riqueza como fenômeno, descobrimos diversos elementos (alguns, às vezes, estudados de modo isolado): informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens etc. (JODELET, 2001, p.21).

De fato, as representações sociais são dinâmicas, ao mesmo tempo em que passam por processos de construção, modelação e, segundo Moscovici (2003), se caracterizam na *objetivação* – dá vida ao imaginário social – e *ancoragem*, que familiariza o estranho, classificando e caracterizando-o. Esses critérios, por sua vez, recorrem à memória coletiva, e os sujeitos são “motivados

por um desejo de entender um mundo cada vez mais não familiar e perturbado”.

Pessoas e grupos criam representações no discurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2003, p.41).

As representações sociais se mostram transparentes, pois as divisões e barreiras entre mundos privado e público se tornam confusas” (MOSCOVICI, 2003, p.91). Aqui, a objetivação ganha vida social, entrelaçando o psicológico com o sociológico.

Situada na interface do psicólogo e do social, esta noção interessa a todas as Ciências Humanas: é encontrada em Sociologia, Antropologia e História, estudada em suas relações com a ideologia, os sistemas simbólicos e as atividades sociais refletidas pelas mentalidades (JODELET, 2001, p.25).

Entretanto, buscamos compreender o significado da Teoria das Representações Sociais (TRS) no campo das ciências agrárias, tendo em vista a importância que as representações sociais constituem como a abordagem teórico-metodológica para explicar alguns fenômenos que ocorrem no meio rural, sobretudo no contexto da comunidade remanescente de quilombo Lage dos Negros.

Moscovici (2003) aponta a chave do sucesso das pesquisas em representações sociais, e diz que a resistência às mudanças é positiva, pontuando que a mudança vai além dos aspectos técnicos e abarca os aspectos das relações sociais.

[...] a modificação social não pode apenas ser vista em termos de técnica e controles ambientais. Há sempre dois fatores nela, que são os que iniciam as mudanças e as que estão na situação de recepção destas mudanças. Juntos, eles constituem um sistema de relações intergrupais com suas características especiais. Este é um sistema de interações dinâmicas, em que cada uma das partes age sobre a outra. Além disso, a resistência às mudanças é um ingrediente necessário a toda mudança, não é fator abstrato ou casual e deve ser considerado como uma consequência da situação social. À medida que o processo de mudança se desenvolve, a resistência afeta tanto o seu receptor como o iniciador (MOSCOVICI, 2003, p.122).

Completando as ideias de Moscovici (2003), no sentido de compreender a TRS, Arruda (1998, p.72) diz que “As representações sociais constituem uma forma de metabolizar a novidade, transformando-a em substância para alimentar nossa leitura de mundo, e assim incorporar o que é novo”. O autor argumenta sobre a importância dos processos cognitivos na construção do novo, intercalado entre o senso comum e a ciência, aspectos esses simbólicos dos relacionamentos nos ambientes sociais, constituindo momentos de senso comum em determinado local, podendo ser uma comunidade, um ambiente de trabalho, como justifica o teórico:

Porque toda cognição, toda motivação e todo comportamento somente existem e têm repercussões uma vez que eles significuem algo e significar implica, por definição, que pelo menos duas pessoas compartilhem a mesma linguagem comum com memórias comuns (MOSCOVICI, 2003, p. 105).

Uma possibilidade de relacionar a cultura com as representações sociais é, na perspectiva de Moscovici, o campo da identidade. O autor salienta que o interesse social de investigação são os objetos sociais, ou seja:

[...] os grupos e indivíduos adquirem sua identidade através de seu relacionamento com os outros. Assim, resumindo, o campo de estudo das representações sociais consiste de objetos sociais, isto é, na realidade, sua única realidade social constrói mutuamente e cria tanto seus laços de solidariedade, como suas diferenças (MOSCOVICI, 2003, p. 158).

Para o autor, identidade expressa uma representação social, visto que esse conceito envolve o *eu* e também como os outros me veem. E essa forma de ser visto é de natureza cognitiva do sujeito, socialmente construída, ancorada e expressa nas relações étnico-raciais, que, por sua vez, constroem a identidade.

Para tanto, Andrade (1998, p. 41) afirma que é preciso compreender “de que lugar este eu fala”. Para responder a tais indagações, a autora propõe uma perspectiva transdisciplinar às pesquisas sobre representações sociais da identidade. Andrade salienta

[...] o entendimento da identidade não como uma substância, como algo dado e imutável, ou como uma condução, mas ao contrário, como um processo, um fenômeno construído de forma dinâmica e dialética, um processo identitário, um processo de personalização, sempre mutável e provisório. A identidade é o processo de construção do eu (ANDRADE, 1998, p. 42).

A autora enfatiza que cada sujeito carrega consigo particularidades intrínsecas, individuais, mesmo que participem do mesmo grupo social identitário, ou até com o advento da engenharia genética – sujeitos clonados. Mesmo assim, a unicidade permanece. Para Andrade (1998, p.142), “A identidade do indivíduo é o constructo ao longo da vida e se reveste cumulativamente de várias facetas identitárias”.

No processo de construção da identidade, frequentemente o sujeito faz indagação de si e, ao mesmo tempo, tem interesse de

saber o que outros indivíduos pensam. Nota-se que, nos estudos sobre representações sociais, existe a necessidade de pontuar as diferentes representações que os “indivíduos e grupos têm da realidade e tão logo uma adequada análise seja feita da natureza destas diferenças, os conflitos de interesse ou de motivações tornam-se secundários” (MOSCOVICI, 2003, p.126).

### **3.1. As representações sociais como estratégias metodológicas**

No processo de estudo, construímos estratégias metodológicas para elucidação das representações sociais da pesquisa, que foi de caráter exploratório no sentido de desvelar códigos, linguagens e percepções dos quilombolas, ancoradas nas ações e práticas cotidianas numa dimensão organizativa, produtiva e sociocultural.

Os estudos sobre o tema das Teorias das Representações Sociais, frequentemente, buscam entender os fenômenos sociais e psicológicos de determinado grupo ou sujeito em uma dada realidade. Para Sá

A pesquisa das representações sociais deve produzir outro tipo de conhecimento sobre esses fenômenos de saber social. Para fazê-lo, precisamos antes transformá-los em objetos mensuráveis pela prática da pesquisa científica (SÁ, 1998, p.22).

Para Skink (1995, p.123), as representações sociais são elaboradas a partir de um campo socialmente estruturados e são frutos de um “imprinting social”. A coleta de dados sobre as representações sociais “exige longas entrevistas semiestruturadas acopladas aos levantamentos paralelos sobre o contexto social e sobre os

conteúdos históricos que informam os indivíduos enquanto sujeitos sociais” (SKINK, 1995, p.29).

Continua a autora, enfatizando a dialética nos estudos sobre representações sociais:

A diversidade e a contradição remetem ao estudo das representações sociais como processo, entendido aqui não como processo de informação, mas como práxis; ou seja, tomando como ponto de partida a funcionalidade das representações sociais na orientação da ação e da comunicação (ÍDEM).

As questões que giram em torno da relação entre pesquisador e pesquisado no campo dos estudos sobre as representações sociais são a visão horizontal, colocando os dois no mesmo patamar de conhecimento.

Moscovici (2003, p.169) analisa a dualidade das explicações, seja do ponto de vista coletivo ou individual, e conclui que “nossas faculdades individuais de percepção e observação do mundo externo são capazes de produzir conhecimento verdadeiro, enquanto fatores sociais provocam desvios em nossas crenças e em nosso conhecimento de mundo”.

Dentro dos parâmetros da Teoria das Representações Sociais, utilizamos a Análise do Discurso (AD), a fim de elucidarmos as representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural. Em consonância com o discurso, foi possível trabalhar com alguns conteúdos silenciados (ORLANDI, 2013) na comunidade sobre as representações sociais da identidade quilombola, mas que vieram à tona a partir da técnica de observação. Observa-se, portanto, que no cotidiano há um intenso movimento e uma construção do conhecimento popular entrelaçados com o conhecimento científico (MOSCOVICI, 2003).



No tópicos seguinte, apresentamos os resultados sob a forma dos discursos dos sujeitos entrevistados a partir de cinco Formações Discursivas (FD), as quais representam os sentidos e as significações da produção de discurso dos entrevistados.

#### **4. As representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural**

Dentro dos parâmetros da Teoria das Representações Sociais, utilizamos em nosso estudo a Análise do Discurso (AD), a fim de elucidarmos as representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural praticada na comunidade remanescente de quilombo Lage dos Negros em Campo Formoso – BA, levando em conta a identidade desses sujeitos em suas práticas cotidianas.

A análise do discurso, ora apresentada, dar-se-á na construção dos sentidos dos discursos dos quilombolas da comunidade Lage dos Negros assistidos pela Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia, via EBDA, com o intuito de entendermos o dito e o não dito através das visões contraditórias, dos detalhes sutis e “o silêncio”. A retórica segue no sentido de organização do discurso, contra ou a favor da versão dos fatos visto que “[...] com frequência o não dito, por exemplo, uma premissa implícita que se omite, constitui um conteúdo principal da representação” (SÁ, 1998, p.90).

Para trazer os discursos sobre as representações sociais que vieram à tona pelos instrumentos e técnicas de coletas de dados, traremos as falas dos sujeitos de Lage dos Negros. Para tal, utilizamos os nomes populares das árvores da Caatinga como co-

dinomes dos quilombolas que denominamos da seguinte forma: Q-Quilombola, seguidos dos nomes das plantas da Caatinga, algumas ameaçadas de extinção, como se seguem: Q- “Pau Pereira”; Q- “Quebra Facão”; Q- “Umburana de Cheiro”; Q- “Alecrim de Vaqueiro”; Q- “Jurema Preta”; Q- “Pau de Rato”; Q- “Pra Tudo”; Q- “Sete Cascas”; Q-Pau D’arco”.

Na primeira formação discursiva do trabalho sobre as representações sociais, nos reportamos aos sentidos que os quilombolas atribuem a si mesmos de acordo o discurso dos outros, que estão nas suas proximidades (Quadro 1).

Com base nos dados, percebemos que, no universo de nove sujeitos, apenas um acredita que há sentidos positivos nesses olhares, ou seja, o discurso contra-hegemônico da imagem do negro na sociedade brasileira.

Quadro 1

(FD) Sentidos que os quilombolas atribuem a si mesmos de acordo o discurso dos outros

<b>As representações sociais dos quilombolas</b>	
<b>Sujeitos</b>	<b>Depoimentos</b>
Q-Pau Pereira	“Como gatinha, não sabe de nada, no deserto, menosprezado”
Q-Quebra Facão	“Olha, tem uns que têm uma boa presença, outros têm preconceito com a gente. Eles falam da gente: ‘aqueles negos da Lage’, pedintes”
Q-Umburana de Cheiro	“O preconceito ainda não acabou não. O preconceito não acabou ainda não, moça.”
Q-Alecrim de Vaqueiro	“Eles veem nós na situação que nós somos, assim, fraco, pobre, né? Eles já conhecem, eles separam a gente do povo da cidade. Eles falam logo ‘aqueles fracos pobres’, eles só vêm aqui de quatro em quatro anos, dona! Na época da política que eles enxergam bem. Eles chegam, depois viram as costas”.
Q-Jurema Preta	“Veem como fraco, pobre. Só vê o voto”.
Q-Pau de Roda	“Pessoas violentas, muitos chamam de nego da Lage. O pessoal da Gameleira não gosta de povo de Lage”
Q-Pra Tudo	“Vê a gente como incapaz, pobres; o povo de Campo Formoso diz isso”
Q-Sete Casca	“Neguinho da Lage. Eles dão atenção quando vai comprar alguma coisa por conta do dinheiro”
Q-Pau D’arco	“Participativo e solidário”

Fonte: Entrevista realizada em 2013

Para Andrade (1998, 41), uma das questões que deve ser levada em consideração na construção das representações sociais da identidade é “como penso que os outros me veem”, pois a identidade é apresentada pela totalidade das produções psicossociais das relações do plano individual e coletivo.

Nesse caso, a cor da pele bem como as condições sociais de negação do Estado perante essa população servem de critério para classificá-los como “sujeitos incapazes”, com o ar e tonalidade de inferioridade frente a outros grupos sociais. Esse povo, sua geração, convive o tempo todo com palavras pejorativas dirigidas a eles por pessoas de outra cor, seja do território de Lage dos Negros, como é o caso dos sujeitos brancos que moram na Gameleira do Dida<sup>9</sup>, seja por sujeitos brancos que moram em Campo Formoso e Juazeiro-Bahia. “O discurso que elege a raça como determinante no processo civilizatório do Brasil tem uma gênese na segunda metade do século XIX, refletindo a infância das teorias racistas em voga na Europa e nos Estados Unidos (ATAÍDE DE ALMEIDA, 2002, p. 139).

Passamos a analisar o discurso dos quilombolas quanto ao lugar, à posição que o *eu* fala no processo dessa construção da pobreza, relatada como umas das representações sociais do *outro* sobre os habitantes do território de Lage do Negros. Para o entrevistado Q-Alecrim de Vaqueiro, ao ser interrogado sobre como se sente em Lage dos Negros: “A gente sente, na situação que vive no lugar, que está faltando tudo, precisando de saúde, segurança”.

---

<sup>9</sup> Comunidade circunvizinha, considerada pelos quilombolas como um povoado com maior concentração de pessoas brancas, visto que no século XVIII esse local concentrava os fazendeiros, criadores de gados, que vieram de outros estados para instalar a criação de gado naquele território, Lage dos Negros.

Essa negação dos direitos é notória, desde o acesso das sedes dos municípios de Campo Formoso e/ou Juazeiro até chegar a Lage dos Negros. Ao chegar, percebemos o processo de negação dos direitos, a falta de tudo, pois os representantes do poder público de Campo Formoso, com base no entrevistado Q-Pau Pereira, só aparecem em Lage dos Negros quando é tempo de eleições.

Aqui não tem nada. Precisamos de emancipação. Precisamos de alguns recursos: ter hospital, ter cartório, de tudo aqui na região, ter construção. Só falta quem puxe as coisas, né? É. As grutas bonitas para os turistas olhar, visitar. O lugar que tem mais gruta é aqui nessa região nossa. Várias grutas, tudo aqui...vir visitar.

Pode-se observar, pelos dados apresentados, que são contingenciados os serviços públicos básicos em Lage dos Negros. Mesmo com uma população grande, nessa comunidade não há uma escola estadual, apenas um anexo da sede de Campo Formoso, com poucos anos de implantação, e, mesmo assim, faltam professores formados nas disciplinas específicas. Para continuar estudando, o jovem tem que partir, “ir embora”, como é relatado por Q-Quebra Facão. Essas formas ideológicas engendradas na cultura, de certa forma, colaboram para sustentar o *status quo* dos políticos partidários em Campo Formoso, divididos e denominados simbolicamente de “Boca Preta e Boca Branca”. Antes, eram representados pelos animais onça e veado.

Para Moscovici (2003), essa forma de representação mostra o jogo de interesse entre as duas partes. Essa dialética do poder coloca elementos emblemáticos de se compreender o que está na subjetividade dessa primazia da relação simbólica partidária. “As representações sociais estão marcadas pela divisão entre esses dois universos, (consensual e o reificado) até mesmo uma impli-

cação, e o último pelo distanciamento, pela autoridade, até mesmo por uma separação” (MOSCOVICI, 2003, p.198).

O sentido dado ao sonho, em sua maioria, é permeado pela emancipação. Para os quilombolas de Lage dos Negros, a independência na esfera do poder executivo pode amenizar a forma de tratamento dado aos serviços públicos na saúde, educação, vias de acesso, transporte, habitação e nos projetos que são para esse lugar. Qual o sonho?

O sonho nosso é emancipar. Emancipação porque a gente acha que, através disso, pode vir tudo: um cartório em primeiro lugar, um fórum, vir um banco. É obrigatório vir a nossa verba. De acordo com a nossa renda, fazer cartório, nosso banco, nosso prefeito e ter a prefeitura. Gente sabida a gente tem lá fora, na hora de fazer o requisito dela, para dizer que vai ser chamado gente, a gente tem gente até no exterior; são essas pessoas os primeiros a ser chamados para aqui, para dentro, esses sabidos, para fazer a coordenação, né? (Q-QUEBRA FACÃO).

Buscando demonstrar as representações sociais da concretização da gestão no local quilombola com uma expressão marcante do abandono e esquecimento, acredita-se que só podem ser modificadas pelo processo de aproximação entre o recurso que chega dos governos estadual e federal e a execução do serviço.

O desejo de emancipação do Distrito de Lage dos Negros é muito forte, e torna-se assunto nos espaços sociais das comunidades. Todos querem emancipar, no entanto, a maioria da população desse território vive do Programa Bolsa Família e, no entendimento dos quilombolas, a emancipação é necessária porque essa pequena renda fica em Campo Formoso.

No que tange às representações sociais e à extensão rural, através dos dados apresentados pode-se averiguar que há desco-

nhecimento em torno do sentido dado à extensão rural, levando-se em consideração o total abandono das instituições de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado, sobretudo quando esse serviço não oferece oportunidade de diálogo (Quadro 2).

No Quadro 2, que traz a indagação sobre o entendimento acerca da extensão rural, observamos que em seus discursos os quilombolas colocam a extensão no plano prático a partir da relação com o trabalho, buscando objetivá-lo, produzindo novos sentidos no âmbito das ações da EBDA.

Foi possível observar que os quilombolas que tiveram uma compreensão sobre o sentido prático e ou papel da extensão rural são os mais engajados politicamente nos movimentos sociais. Vale ressaltar que, na objetivação do serviço de extensão rural, os quilombolas criaram uma representação de como ela deveria ser, exemplificando, e, às vezes, colocando no plano prático que caminhos a extensão rural deve trilhar (Quadro 3).

No Quadro 3 fica evidente que as falas constituem um universo simbólico e imaginário que os quilombolas dão à extensão

Quadro 2  
(FD) As representações sociais e a extensão rural

<b>O que entende por extensão rural?</b>	
<b>Sujeitos</b>	<b>Depoimentos</b>
Q-Pau Pereira	“Um trabalho com as associações”
Q-Quebra Fação	“Ajuda no acesso à agricultura, poço artesiano, máquinas”
Q-Umurana de Cheiro	“Faz reunião com o povo”
Q-Alecrim de Vaqueiro	“Ter trabalho na comunidade”.
Q-Jurema Preta	“Não entendo nada”
Q-Pau de Roda	“Não sei como trabalha”
Q-Pra Tudo	“Algo que depende de outro setor”
Q-Sete Cascas	“Ajuda no acesso na área deles”
Q-Pau D’arco	“Promover trabalho de capacitação com as famílias”

Fonte: Entrevista realizada em 2013

rural, como redes de serviços socio-técnicos, crédito rural; redes de valores e crenças em torno do trabalho; semiárido e produção em sequeiro. Ao contradizer uma proposta, supostamente os quilombolas imaginam como a extensão rural deve proceder com base nas especificidades voltadas para uma ação multidimensional com recorte étnico.

Como resposta à questão emblemática de quais formas, em suas ações, os extensionistas e a EBDA deveriam ajudar a comunidade, evidenciamos a fala do Q-Quebra Facão, que traz à tona o imaginário da construção social pela sua da convivência com

Quadro 3  
(FD) Os sentidos dos quilombolas sobre os extensionistas e a EBDA

Como os extensionistas da EBDA deveriam auxiliar a comunidade?		
Sujeitos	Depoimentos	Evidência
Q – Umburana de Cheiro	“Que eles liberassem o dinheirinho, cumprir com as coisas deles”	O atraso no repasse da verba
Q-Quebra Facão	“Uma coisa que não tem aqui é assistência técnica; sai esse projeto aí, mas não tem assistência técnica, não ensina nada, só é pegou e ir embora. Ouvi dizer que o governo liberou uma verba muito grande para a agricultura, para nós, só que não chega aqui, quando chega em Bonfim, eles botam o pé em cima e não sai nada para cá para. Para nós, fica só no papel. A gente não tem a quem clamar, poderia ser um deputado”	Pouco envolvimento dos extensionistas em ação comunitária
Q-Pau Pereira	Aqui, o que nós dependia muito era de poço artesiano pra nós. Sem água, não desenvolve nada, com a água desenvolve tudo. A própria época de ajudar pode ajudar com maquinário. Na época de plantio, ajudar com maquinário. Mandar dinheiro para ajudar, pois, na época de limpar a terra, limpa com o quê? O trator, coisas mecânicas. Tendo uma mecânica é um grande passo. Agora tem uns atrasos também, como nós estávamos falando, três anos de seca. O bom para nós é que se arrumasse água, esse monte de homem não estava aqui sentado. Todo mundo tinha uma coisa hoje para fazer	Convivência com o semiárido, associada com o processo de extensão rural envolvendo a mecanização agrícola, a partir de incentivos econômicos

Fonte: Entrevista realizada em 2013.

o semiárido através da experiência com o trabalho associativo, como se segue

Nós não temos mais sisal, se acabou tudo. Três lugarezinhos em Campo Formoso que produzem são Lage, São Thomé e Tiquara. O Estado da Bahia é o maior produtor do sisal do mundo; em Valente se processa nosso sisal. Só que das produções que vão daqui, você não vê retorno. O retorno é só dinheirinho que paga a quilo. A APAEB recebe o imposto, mas o valor vai criar lá no Valente [...]

Conforme verificamos no depoimento do Q-Quebra Facão, são apontados as interfaceres do processos e sentidos da extensão rural, sobretudo os trabalhos associativos e a convivência com o semiárido.

Ao representarem socialmente o trabalho associativo, e verificando suas práticas, percebe-se que, em Lage dos Negros, há sete associações comunitárias, além das outras associações em cada comunidade (Quadro 4).

O Quadro 4 mostra, por um lado, como são diversos os interesses pessoais em torno das perspectivas político-partidárias em Lage dos Negros e seus efeitos em torno da organização social. Parece que esse tipo de representação política, em torno do social, causa desarmonia e divisão na comunidade. Segundo os quilombolas, “isso é um atraso grande, esse número de associações, eu já sugeri mudar. É um balaio que os homens participam de uma e as mulheres participam de outros” (Q-QUEBRA FACÃO).

O imaginário social e o universo simbólico dos quilombolas, em seus grupos organizados no viés das formações associativas, possibilitam a relação de poder, bem como o interacionismo simbólico, redes de valores e crenças.



Quadro 4  
(FD) Associações com atuação e endereço em Lage dos Negros e seus objetivos

Nº	Nome da Associação	Objetivo	Situação
1	Associação Quilombola Fundo e Feixe de Pasto	Registro de Lage na Fundação Palmares	Desativa socialmente e ativa como representação exógena
2	Associação Quilombola Lage dos Negros		Não existem reuniões frequentes e ações sociais
3	Associação Renascer – Quilombombart	Promover espaços de protagonismo juvenil a partir do teatro e dança	Ativa. Reuniões frequentes com os jovens, participação em eventos que debatem a construção da identidade negra
4	Associação de Pais e Mestres (Apame)	-	Desativada
5	Associação Cidadania Rural	-	-
6	Associação de Mulheres	Promover geração de ocupação e renda para as mulheres	As mulheres participam dos espaços coletivos de confecção dos produtos
7	Central das Associações Quilombolas de Lage dos Negros (Ceaclan)	Promover os registros em Lage dos Negros e construir espaços de comunicação	Em ação no campo das suas atividades exógenas de comunicação, no entanto, pouca ação endógena.

Fonte: Pesquisa de campo

Nesse momento, é importante ponderarmos sobre o papel do processo da extensão rural em momentos de debater, apaziguar e amenizar os conflitos internos, mostrando quão graves são os problemas em decorrência das divisões político-partidárias em uma mesma comunidade.

Entre as demais declarações, esta que segue é a mais emblemática do ponto de vista das representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural, pelo olhar dos fatores que devem andar na perspectiva desenvolvimentista, mencionada pelo Q – Quebra Facão:

Onde a gente vê tanto desenvolvimento na área é no Sul. A gente aqui se acaba, com calos nas mãos. Só no cabo da enxada direto. Lá no Sul, tem umas máquinas para ajudar a pessoa plantar e colher, zelar aquela planta, e alivia muito o dono, nessa parte, porque

se ele trabalha só puxando a enxada, cinco tarefas hoje (2,2 hectares), como aqui tem um homem de trabalhar 50 até 70 tarefas, mas quem tem família, hoje só trabalha com cinco tarefas.

Para Q-Quebra Facção, os elementos que compõem as representações sociais são de mundo distintos, tanto da ancoragem quanto da real: “vivência da roça”, lógica plausível na perspectiva da Ater (2010), bem como o desejo, o sonho, a utopia, um modelo mentalmente construído do aspecto do Sul, na perspectiva desenvolvimentista para o campo brasileiro, que é o maquinário. No entanto, ele traz à tona a especificidade dos quilombolas, o semiárido como emblemático no aspecto importante no processo da extensão rural. Conviver com esse bioma continua, para quilombolas e extensionistas, um desafio perante os modelos de desenvolvimento de agricultura na Região de Juazeiro-BA.

Percebe-se, no discurso dos quilombolas, Quadro 5, que o compromisso dos extensionistas bem como da EBDA deixa a desejar, seja pela forma e abordagem da comunicação, desconhecimento de forma geral sobre o projeto, bem como pelas poucas vezes que de fato se teve a presença deles em Lage com objetivo e formas de parcerias para que as coisas aconteçam na comunidade. Para os quilombolas, a fase de consolidação do projeto dar-se-á na práxis, ou seja, no diálogo constante entre o que está escrito no projeto com o cotidiano dos extensionistas em Lage dos Negros. Essas colocações dos quilombolas mostram a precariedade do processo de assistência técnica e extensão rural via chamada pública.

Para Caporal (2011), existem vários problemas de ordem metodológica e sociotécnica que giram em torno das chamadas públicas destinadas ao processo de Assistência Técnica e Extensão Rural. Entre eles, o autor destaca: a precarização do trabalho,

Quadro 5

As representações sociais dos quilombolas sobre as ações da EBDA em torno da Extensão Rural

<b>Como vocês acham que a EBDA deveria trabalhar?</b>	
<b>Quilombolas</b>	<b>Depoimentos</b>
Q-Jurema Preta	“O dinheiro falta sair, R\$ 1.400”
Q-Pau Pereira	“Colocar os técnicos aqui para desenvolver a área rural”
Q-Alecrim de Vaqueiro	“Ter assistência técnica aqui”
Q-Pra Tudo	“Ter técnico para ajudar e orientar”
Q -Quebra Facão	“A própria época de ajudar, pode ajudar com maquinário. Na época de plantio, ajudar com maquinário. Manda dinheiro para ajudar, pois na época de limpar a terra, limpa com o quê?”
Q-Umburana de Cheiro	“Antes quando eles chegaram, deveriam passar mais informação, o que é a EBDA, como eles trabalham, qual era o benefício para cada lavrador? Passar mais informação”
Q-Pau de Roda	“Se viesse com vontade de fazer, eles só vieram prometendo. Eles sumiram, só andam em Campo Formoso fugindo. Quando vê os neguinhos da Lage chegar, eles fogem”
Q-Pau D’arco	“Dando mais formação, capacitando as pessoas em relação a projeto, aos direitos e deveres das comunidades e povos tradicionais. Porque, assim, muitas pessoas vêm e pegam seus dados e não diz nem porque é que quer seus dados, não dá nenhuma formação, as pessoas dão seus dados sem informação nenhuma”
Q-Sete Cascas	“ Ter boa vontade”

Fonte: Entrevista realizada em 2013

a falta de formação dos extensionistas e o tempo de duração, dois anos, prorrogados por mais dois. Por sua vez, isso interfere na construção do processo da dialogicidade da extensão rural, pois com esse tempo, não dá para prestar um serviço de qualidade, visto que, na maioria dos casos, os sujeitos envolvidos no processo não se conhecem.

## 5. Conclusão

A riqueza cultural, geológica e histórica encanta as pessoas que vivenciam Lage dos Negros; no entanto, os discursos

da pobreza dificultam as articulações no que se refere à valorização do local e, às vezes, acabam sendo hegemônicos no imaginário social sobre essa comunidade impresso, como a figura do Jeca Tatu (MARTINS, 2001) - o negro desprovido de tudo. Essas representações sociais trazem um problema que acaba colocando os negros de Lage no patamar dos incapazes perante os poderes públicos e suas instâncias: legislativo, judiciário e executivo.

No que concerne às representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural na comunidade remanescente de quilombo Lage dos Negros, ficaram projetadas apenas no campo dos conteúdos discursivos, nos quais percebemos, na execução do projeto, a desvalorização, por parte dos agentes, dos sentidos dados pelos quilombolas à extensão rural, em toda a sua forma de expressão cultural, organização e saberes quilombolas silenciados.

Vê-se que o Projeto ATER rumo à sustentabilidade de Comunidades Quilombolas no Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru (MDA, 2011), em seu título, faz menção à sustentabilidade, mas na realidade a frequência dos agentes na comunidade foi muito pouca, ou seja, não houve uma integração mínima do ponto de vista teórico para o prático da dimensão ambiental.

Além disso, os conhecimentos sobre a natureza do ser quilombola, bem como suas formas de expressar a cultura, identidade e memória, ficaram apenas no campo teórico dos projetos e nos documentos do MDA (2012), que afirmam ser a extensão rural quilombola um espaço para incentivar e valorizar as tradições quilombolas, o conhecimento étnico atrelado à preservação do meio ambiente. Isto anda é um desafio a ser superado nas chamadas de Ater quilombola.

Ao estudar as representações sociais a partir da teoria de Moscovici (2003), percebe-se a relação entre cotidiano, identidade, relações étnico-raciais, trabalho e território identificados nos discursos dos quilombolas, bem como em suas práticas sociais no trabalho coletivo na agricultura. Além disso, as ideias comuns e os elementos silenciados na Comunidade Lage dos Negros sobre sua identidade e memória da história social, atrelados à pouca vivência no âmbito dos extensionistas, dificultaram o diálogo entre os quilombolas e os agentes externos.

Nesse contexto, salientamos como o racismo institucional se engrenou nas chamadas públicas de Ater para quilombolas, visto que não há condições estruturais necessárias para os profissionais desenvolverem suas atividades, pois as comunidades quilombolas, historicamente, em sua maioria, vivem em locais de pouco acesso, ou muito distantes das sedes dos municípios. Para os quilombolas de Lage dos Negros, a Política de Ater é mais uma “enganação” do Estado, porque poucos conseguem dialogar com os profissionais, ou melhor, com esses poucos que aparecem na comunidade. E suas abordagens com a comunidade não passam de preenchimento de documentação para Declaração de Aptidão ao Pronaf- DAP.

## 6. Referências bibliográficas

- ABA. Associação Brasileira de Antropologia. Documento do grupo de trabalho sobre Comunidades negras rurais. **Boletim informativo NUER**, n. 1, 1994.
- ANJOS, R. S. A. **Quilombolas**. Tradições e cultura da resistência. São Paulo, 2006.

- ATAÍDE DE ALMEIDA, M. das G. A. A Europa vista por brasileiros nos anos 30: a visão do paraíso. **Estudos do século XX**. Coimbra, Minerva, 2002.
- ARAÚJO, N. de A. A modernização do Vale do São Francisco: um espaço para a ciência e tecnologia (1950-1983). **13º Seminário Nacional da História da Ciência e da Tecnologia**. Universidade de São Paulo - São Paulo, 2012.
- AULER, A. S & SMART, P. L. Toca da Boa Vista Bahia, a maior caverna do Hemisfério Sul, Brasil. **Boletín informativo del lá comisión de geospeleologia**. Federación Espeleológica de América Latina y el Caribe-FALC, nº 39. Caracas-Venezuela, 2003.
- BRASIL. **Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária**. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/portal/institucional/novaleideater>. Acesso em 25 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 12.188, de 11 de janeiro de 2010**. Institui a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF, 11 de janeiro de 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12188.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12188.htm). Acesso em: 30 de jun 2012.a.
- \_\_\_\_\_. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Constituição Federal**. Disponível em: <http://www.planalto.org.br>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Constituição Federal**. Decreto Nº 5.5051, de 19 de abril de 2004. Disponível em: <http://www.planalto.org.br>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural de 2004**. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Po-

- der Executivo, Brasília, DF, 2004a. Disponível em <<http://google.com/4bukoj>>. Acesso em: 23 ago. 2012.
- \_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**, 2004b. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/arquivos/pbq.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2012.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. **Decreto nº 4.886 s/d**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>. Acesso em: fev. 2013.
- \_\_\_\_\_. Presidência da República. **Decreto N ° 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em: set de 2012.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº 7.215, de 15 de junho de 2010**. Regulamenta a Lei ° 12.188, de 11 de jan de 2010, Brasília, DF, para dispor sobre o Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7215.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7215.htm). Acesso em: 15 de jul de 2012.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Editora Paz e Terra, São Paulo, V. 2, 2008.
- CERTEAU, M. de; GIARD, L; Mayol, P. FIn: Alves, Ephraim, F. Alves e Otch, Lúcia Endlich. **A Invenção do cotidiano: morar cozinhar**. 8 ed. Petrópolis- Rio Janeiro, 2008.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- CNAQ. Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. **Manifesto pelos direitos quilombolas**. Disponível em [http://www.koinonia.org.br/oq\\_antigo/uploads/noticias/5457\\_MANIFESTO\\_PELoS\\_DIREITOS\\_](http://www.koinonia.org.br/oq_antigo/uploads/noticias/5457_MANIFESTO_PELoS_DIREITOS_)

- QUILOMBOLAS[1]vers%C3%A3o%20final.pdf. Acesso em 02 jul de 2013.
- FIABANI, A. **Mato, palhaça e pilão**: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescente (1532-2004), São Paulo, 2º ed. Expressão Popular, 2012.
- FREITAS, D. P.: **A guerra dos escravos**. Porto Alegre, 5º ed. 1984. Pesquisa em Educação, Brasília, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. In: SCHAFFTER, L. L. Presses Universitaires de France. Paris, França. 2 ed. 1968.
- IBGE.**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos\\_cidades/historico\\_conteudo.php?codmun=290600](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=290600). Acesso em 20 out. 2013.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- KÜSTER, A., ALMEIDA, A. & MARTÍ, J. F. **Indicadores de agriculturas sustentáveis nas regiões semiáridas do Nordeste do Brasil**. ICID+18 2nd International Conference: Climate, Sustainability and Development in Semi-arid Regions August. Fortaleza - Ceará, Brazil 16 - 20, 2010.
- MARTINS, L.C. **Entre o plantar e o colher**: representações e saberes envolvidos na extensão rural. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.
- MMA - Ministério do Meio Ambiente. **Resolução CONAMA nº 347**, de 10 de setembro de 2004. Institui o Cadastro Nacional de



- Informações Espeleológicas - CANIE. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=452>>. Acesso em: 01 de dez 2013.
- MOTT, L.R.de B. **A feira de Brejo Grande**: Estudo de uma situação econômica no município Sergipano do Baixo do São Francisco. 1975, 348 f. (Tese Doutorado em Ciências Sociais). Universidade de Campinas, Campinas-SP, 1975.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: Investigação em Psicologia Social. In: GUARESCHI, P. A. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2003.
- MOURA, C. (org). **Os quilombos na dinâmica Social do Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2001.
- NÓBREGA, S. M. Maioria e minorias: do conformismo à inovação. In: MOREREIRA, A. S. & OLIVEIRA, D. C. de (Orgs). **Estudos interdisciplinares de representações**, 1998.
- O'DWYER, E. C. (org.). **Quilombos**: Identidade ética e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora UFV. 2002.
- \_\_\_\_\_. **Terra de Quilombos**. Associação Brasileira de Antropologia. Rio de Janeiro: Decania CFCH/ UFRJ, 1995.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos, 5 ed. Campinas, São Paulo, 2002.
- PAUPITZ, J. Elementos da Estrutura Fundiária e Uso da Terra no Semiárido Brasileiro. In: GARIGLIO, M. A. ET AL (Org.). **Uso Sustentável e conservação dos Recursos Naturais da Caatinga**: Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010.
- PEREIRA DE ALBUQUERQUE, P. E. Aspectos conceituais do uso eficiente da água na agricultura. In: GOMES, M. A. F. & YOUNG PESSOA, M.C.P. In: **Planejamento ambiental do**

- espaço rural com ênfase para micro bacias hidrográficas:** manejo de recursos hídricos, ferramentas computacionais e educação ambiental. Embrapa de Informação Tecnológica, Brasília, 2010, cap. 3.
- PEREIRA, J. C. R. **Análise de dados qualitativos estratégias metodológicas para ciências da saúde, humanas e sociais.** 3. Ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO FORMOSO. Disponível em: <http://www.portalcampoformoso.com.br/index.php?pg=espeleologia>. Acesso em 08 dez 2013.
- SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SÁ, C. P. de. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas.** Edição especial temática. Florianópolis: EDUFSC, 2000, p. 11-31.
- SANTOS, dos J. B. **A Territorialidade dos Quilombolas de Irará-BA:** Olaria, Tapera e crioulo. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 2008.
- SANTOS, A. **Entre a colher e a enxada:** interface entre a alimentação e a cultura quilombola de Piranga-MG (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal de Viçosa- Viçosa-MG, 2009.
- SANTOS, A & Doula. **Políticas Públicas e Comunidade Quilombola:** questões para debate e desafios à prática extensionista. Extensão Rural. Santa Maria da Vitória, V. XVI. p. 67-83, 2008.
- SILVA, C.R. da. **Geodiversidade do Brasil:** conhecer o passado para entender o presente e prever o futuro. Rio de Janeiro, CPRM, 2008.

WILLAMS, R. **Cultura e Sociedade**. In: JOSCELYNE, V. C. a  
O. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2011.